



Educomunicação: a televisão como influenciadora nos debates de sala de aula e da construção da cidadania ¹

Ana Carolina Rocha Pessôa TEMER²
Evangicléia Sousa da SILVA³
Universidade Federal de Goiás

Resumo

O vigente artigo refere-se a uma dissertação em construção que busca analisar a recepção da audiência da televisão na vida escolar dos alunos do ensino médio de uma escola de Goiânia, e visa observar se existem discussões em sala de aula com teor de criticidade e de cunho cidadão a respeito do conteúdo transmitido por meio da tv. Entende-se que a cumplicidade entre os campos educacional e comunicacional deve extrapolar os conteúdos programáticos das salas de aula e a lógica do consumo e da instantaneidade preconizadas pelos meios de comunicação de massa e das novas tecnologias. Para tanto, a execução e a fundamentação teórica deste trabalho, serão mediadas pelos conceitos de Educomunicação e televisão.

Palavras-chave: Educomunicação, Comunicação Cidadã e Televisão.

Introdução

O excesso de informações faz com que os cidadãos tenham a falsa impressão de que estão sendo bem informados, porém depois de um curto período de tempo, a notícia se esvai da mente das pessoas, e ninguém recorda mais de nada. Mas o ponto crucial que me fez aderir a este tema é relacionado à reação dos alunos do ensino médio no que concerne ao conteúdo transmitido em sala de aula. Será que os alunos debatem, criticamente, com os professores sobre o conteúdo televisivo, ou será que eles aceitam esse conteúdo como a mais pura verdade? Ideias como descontinuidade e ambiguidade passam a pontuar as ações dos homens no mundo, influenciando as suas relações econômicas, políticas, sociais e culturais (ILHARCO, 2004, p. 69). Somos hoje assolados por uma obsessão pelo tempo real e pela instantaneidade da informação (BAUDRILLARD, 1992, p.19), motores de uma nova economia.

¹ Trabalho apresentado no XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Doutora e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, Especialista em Sociologia pela Universidade Federal de Uberlândia. Jornalista pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás – anacarolina.temer@gmail.com

³ Mestranda pela Universidade Federal de Goiás – UFG. E-mail: vangijornalista@gmail.com



Segundo Oliveira Soares⁴, “A educação tradicional olha para a Educomunicação como algo que, às vezes, pode estar ameaçando a sua ortodoxia; e a comunicação olha para esse campo como algo pobre, algo de gente que não está no mercado”. Faz-se necessário observar e compreender se os gestores e professores das escolas de ensino médio estão preparados e até mesmo dispostos a aderir a este novo campo de convergência, que é a Educomunicação. Além de verificar se as escolas tem a preocupação de discutir, criticamente, sobre a veracidade das informações transmitidas pela televisão. Reconhece, por conseguinte, que os resultados esperados não são imediatos, afinal, está reformulando uma pedagogia sedimentada durante décadas.

Douglas Kellner afirma que precisamos também treinar professores na pedagogia crítica e dar-lhes poder para usar sua criatividade mais do que o prescrito no currículo. Além disso, precisamos de conferências e educação para professores, com continuado aperfeiçoamento profissional que inclua estudos culturais, pedagogia crítica e aplicações práticas para saber como envolver os alunos com conceitos de alfabetização crítica.

Para KELLNER & SHARE, 2005, existem cinco elementos básicos que conceituam a evolução da educação midiática. São eles: 1) o reconhecimento da construção da mídia e da comunicação como um processo social, em oposição a aceitar textos como transmissores isolados de informações, neutros ou transparentes; 2) algum tipo de análise textual que explore as linguagens, gêneros, códigos e convenções do texto; 3) uma exploração do papel das audiências na negociação de significados; 4) a problematização do processo da representação para revelar e colocar em discussão questões de ideologia, poder e prazer; 5) a análise da produção, das instituições e da economia política que motivam e estruturam as indústrias de mídia como negócios corporativos em busca de lucro.

Por fim, seria interessante verificar até que ponto os alunos das escolas de ensino médio estão sendo realmente impelidos e incentivados a se tornarem cidadãos críticos, capazes de analisar sobre o conteúdo midiático.

Educomunicação

A Comunicação e a Educação formam um meio de intervenção social definido como Educomunicação. Este termo começou a ser utilizado a partir da mediação

⁴ Essa idéia foi apresentada pelo professor Ismar de Oliveira Soares, da ECA/USP (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo), durante o Seminário Educação e Comunicação: um debate contemporâneo, promovido pela FEUSP (Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo) e pelo mestrado em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi, realizado entre os dias 6 e 8 de novembro de 2001



tecnológica na Educação. A palavra Educomunicação foi utilizada pela primeira vez na década de 1970 pelo uruguaio Mário Kaplún, constituindo assim um significativo para a recepção crítica da mídia por parte da Educação. O que caracteriza a Educomunicação é a forma dialógica que a educação e a comunicação são tratadas. “Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. [...] O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos.” (FREIRE, 1977, 43)

Na era da sociedade mediatizada e tecnológica, o educador tem a missão de aprender a utilizar os meios de comunicação em sala de aula. Pois, estes contribuem para a Educação, não somente por ser fonte de informação, mas se forem empregados de maneira crítica podem proporcionar aos educandos novos ambientes de aprendizagem.

Ismar Soares (1999, p. 22 -23) afirma que a Educomunicação se materializa conforme a área de intervenção, tais como: a educação para a comunicação, a mediação tecnológica na educação, a gestão da comunicação no espaço educativo e a área da reflexão epistemológica. A educação para a comunicação é constituída pela relação entre os produtores, o processo produtivo e a recepção das mensagens e pela formação de uma postura crítica nos educandos perante a mídia.

A mediação tecnológica da educação diz respeito ao uso das tecnologias de informação no ambiente educativo. A área da gestão da comunicação no espaço educativo tem a função de gerar agentes comunicativos com a finalidade de planejar, executar e realizar projetos que relacionem a comunicação, a cultura e a educação. Isso se dá nos ambientes formais e informais da educação. E por último, a reflexão epistemológica, ou seja, a reflexão acadêmica, que é o meio pelos quais as práticas educacionais têm sido legitimadas e reconhecidas como um campo emergente.

Ignorar o papel dos meios de comunicação na educação informal é desconhecer um instrumento que pode colaborar tanto para a aprendizagem quanto para uma leitura crítica da realidade. BARBERO afirma: “Comunicar foi e continuará sendo algo muito mais difícil e amplo que informar, pois comunicar é tornar possível que homens reconheçam seu direito a viver e a pensar diferente e, reconheçam a si mesmos nessa diferença.”⁵

⁵ MARTIN-BARBERO, Jesus. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis (org). Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder.. Rio de Janeiro. Editora Record, 2004.



Magno Medeiros⁶ coloca alguns pontos em prol da cultura da paz e dos direitos humanos, um dos pontos que se destaca é: “educação face à mídia a fim de formar receptores críticos, competentes, de refinada consciência ética e estética, com a produção de mídia especificamente infantil; formação de grupos de estudos e de pesquisas sobre a mídia; discussão da mídia e seus produtos no âmbito esco-lar (estrutura curricular. tema transversal); produção de manuais, livros e outras publicações que orientem quanto aos direitos da criança e do adolescente, e sobre o papel educativo que a mídia pode vir a ter”.

É neste ensejo que buscaremos estudar a relevância e influência da televisão na vida dos alunos, gestores e professores e comunidade escolar de forma geral.

A comunicação serve para que as pessoas se relacionem e modifiquem a realidade no qual estão inseridas. Este é um produto destinado à necessidade humana de se expressar e se relacionar. “É a forma de interação humana realizada através do uso de signos” (BORDENAVE, 1983, p. 14). Pela comunicação é possível a troca de experiências, ideias e sentimentos. Os elementos básicos da comunicação são: a situação e lugar onde ela se realiza, os interlocutores, as mensagens compartilhadas, os signos utilizados para representar as mensagens e os meios empregados para transmiti-los. Para THOMPSON (2001, p.25) ⁷ a comunicação é: “como um tipo distinto de atividade social que envolve a produção, transmissão e recepção de formas simbólicas e implica a utilização de recursos de vários tipos”.

É por meio da inserção do educando no planejamento, na produção e até mesmo na gestão dos meios, que a comunicação nascida no espaço comunitário contribui para a cidadania.

A participação na comunicação é um mecanismo facilitador da ampliação da cidadania [...], o que resulta num processo educativo, sem se estar nos bancos escolares. A pessoa inserida nesse processo tende a mudar o seu modo de ver o mundo e de relacionar-se com ele. Tende a agregar novos elementos à sua cultura. (PERUZZO, 2002, p. 10)

Para trabalhar o conceito de Educomunicação, é indispensável citar o arcabouço teórico de Ismar de Oliveira Soares, coordenador no Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/ USP). De acordo com SOARES (2000, p. 01), a Educomunicação nada mais é do que,

⁶ MEDEIROS, Magno, artigo: Teoria das Violências, Mídia e Direitos Humanos. Acesso em 28/01/2013: http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/dh/br/go/goias/teorias_da_violencia_midia_e_dh.html

⁷ THOMPSON, John. *Mídia e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2001.



O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios massivos, usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas, e ampliar a capacidade de expressão das pessoas. (SOARES, 2000, p. 01)

Apesar desses dois campos se complementarem, os discursos comunicacional e educativo são divergentes. O discurso educacional é oficial e autoritário, enquanto o discurso comunicacional é aberto, atual e está vinculado à praxe mercadológica.

A história nos ensina, [...] que tanto a educação quanto a comunicação, ao serem instituídas pela racionalidade moderna, tiveram seus campos de atuação demarcados, no contexto do imaginário social, como espaços independentes, aparentemente neutros, cumprindo funções específicas: a educação administrando a transmissão do saber necessário ao desenvolvimento social, e a comunicação responsabilizando-se pela difusão das informações, pelo lazer e pela manutenção do sistema produtivo através da publicidade. (SOARES, 2000; p. 13).

Para PERUZZO (2002, p. 01), a Educomunicação é tratada no âmbito da educação informal, sobretudo, na luta social, no contexto da ação de ONGs (Organizações não-governamentais) e dos movimentos populares e também na esfera do terceiro setor, “quando as pessoas se mobilizam, se organizam ou se envolvem em organizações já existentes para assegurar a observância dos direitos fundamentais da pessoa humana e/ou para tratar de temáticas sociais” (PERUZZO, 2002, p. 01). Desse modo, a comunicação nascida no espaço comunitário ou popular contribui para a cidadania.

A Educomunicação teve origem nesse contexto para depois se adentrar ao espaço midiático. Atualmente, há uma série de canais educativos, rádios comunitárias, telecursos, programas de educação à distância, dentre outras iniciativas, que legitimam os meios de comunicação no âmbito da educação informal.

O profissional que atua no campo da Educomunicação é chamado de educador. Segundo SOARES (2004, p. 12), o educador é um novo mediador cultural,

É alguém que tem dupla função teórica, trabalhando na convergência entre as ciências da educação e as ciências da comunicação. Numa palavra, o educador reconhece que não há mais monopólio da transmissão de conhecimento, e que não é só o professor que tem o direito da palavra. (SOARES, 2004, p. 12)



O professor pode utilizar o rádio, o cinema, as tecnologias digitais, dentre tantas outras possibilidades que os meios de comunicação oferecem, para promover o diálogo entre as culturas escolar e midiática. O educador ao utilizar os meios de comunicação em sala de aula explora espaços para a interação entre o conteúdo transmitido para o educando e a sua vivência cotidiana.

De acordo com JAWSNICKER (2007, p. 02), “ainda é grande a incerteza e insegurança dos professores sobre a melhor forma de utilização dos meios de comunicação em sala de aula”.

Segundo JACQUINOT (apud SOARES, 2004, p. 12), o educador aceita outras formas de representação da realidade e faz o uso dos meios como objeto de estudo e não requer que o educando seja um pseudo-jornalista. “Educar é ter consciência de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2002, p. 27).

Para as práticas educacionais, é necessário que o educador tenha a visão de Paulo Freire (2002, p. 14-15), de que o educador é um ser “problematizador” e deve reforçar a capacidade crítica do educando. Freire defende uma educação libertária que se opõe ao discurso “bancário”, que faz do aluno um mero depósito de conteúdos.

Compreende-se que a atual pesquisa pode ser muito útil ao tentar dar sua contribuição aos estudos da relação comunicação/educação e ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), em especial a televisão, como discussão no espaço escolar, pois além da abordagem epistemológica e histórica da aproximação dos dois campos, propõe-se a estudar este novo campo denominado “Educomunicação”, que enquanto segue fortalecendo sua legitimidade acadêmica e científica, já serviu de base e referência para projetos importantíssimos de intervenção social. Desta forma pode ser considerado um projeto de “política pública” capaz de alterar o dia-a-dia e a gestão da comunicação em muitas escolas.

Objetivos

Diante do quadro que acabamos de apresentar em que constamos a importância da Educomunicação, pretendemos com esta pesquisa analisar possíveis discussões em sala de aula entre professores e alunos a respeito do conteúdo televisivo: o que condiz com a realidade ou não.

- 1) Busca-se, portanto, um estudo sobre a contribuição para uma educação que possa ir além das fronteiras disciplinares, utilizando-se dos instrumentos da comunicação,



proporcionando aos educandos novos ambientes de aprendizagem e discussões críticas.

- 2) Evidenciar como a Educomunicação, pode contribuir para a cidadania e o desenvolvimento das competências exigidas pelo mundo pós-moderno nos alunos de escolas de Goiás.

A - Investigar como a teoria da Educomunicação pode contribuir para a melhoria das relações de comunicação no espaço escolar e para a potencialização da capacidade expressiva dos adolescentes, alunos do ensino médio.

B - Analisar como se dá, na prática, a opinião e atitudes dos adolescentes em sala de aula, quando é levantado algum debate em relação ao conteúdo televisivo.

C - Elaborar, através de leituras bibliográficas, e diálogos travados com os professores, pressupostos que orientem maior eficácia na utilização da Educomunicação.

- 3) Enfim, partindo da discussão do uso social das tecnologias de informações, em especial a televisão, com uma educação educativa e comunitária pretendemos investigar como projetos educacionais podem desenvolver ou aprimorar a capacidade expressiva e a competência comunicativa dos adolescentes no ensino médio.

Metodologia

Esta pesquisa se utilizará da metodologia quantitativa e da qualitativa de caráter exploratório, para traçar os contornos das questões relativas à influência do conteúdo televisivo no cotidiano escolar e as discussões entre professores e alunos sobre os conteúdos de caráter científico ou didático, exibido em diferentes horários pelas emissoras de televisão, particularmente emissoras brasileiras de sinal aberto, que tenham relevância ou façam parte do conteúdo já estudado ou ainda em discussão pelos alunos. O objetivo da análise é entender como os alunos articulam a informação veiculada pela mídia e a confrontam com as informações e conteúdos apresentados em sala de aula, tanto pelo professor quanto pelo material didático recomendado pelo professor e/ou instituição de ensino, e a partir destes dois conteúdos, constrói ou determina o que é verdade e o que não é sobre o conteúdo ou temas analisados.

No decorrer da pesquisa buscar-se-á, portanto, não apenas a estratificação de resultados em números – que irá fornecer dados relevantes, como o número de horas que os



alunos dedicam a assistir televisão, o acesso às outras mídias, a qualidade da sua leitura dos livros textos indicados pela escola e a quantidade de horas dedicada ao estudo, quais programas televisivos assistem e com qual finalidade o fazem, _ mas também uma imersão interpretativa a partir da obtenção de parâmetros qualitativos, visualizados por meio da análise do conteúdo do discurso elaborado pelos alunos.

A escolha de metodologias qualitativas e quantitativas em um mesmo estudo se justifica por que:

Não apenas temos o direito, mas também o dever de dispensar, quando isso se mostra necessário, a precisão dos cálculos matemáticos que dão alicerce as pesquisa quantitativas. Essa dispensa pode se dar por motivos vários, entre eles, para buscar o acesso à complexidade alinear e não mensurável, à exuberância com que pulsa diante de nós a realidade tanto na sua dimensão abstrata quanto concreta. (SANTAELLA, 2001, p. 182).

A partir da análise de professores e alunos acerca da relação do jovem com a televisão e a mídia, percebe-se que a televisão é vista como o espaço do lazer e do prazer, e a escola é o espaço da obrigação, e, portanto, da falta do prazer. Vale ressaltar que os veículos eletroeletrônicos (a televisão) são sedutores porque usam recursos de imagens que nem sempre estão disponíveis em sala de aula, além de terem acesso a dados atuais, e a possibilidade de trabalhar esses dados de forma visualmente atraente. Por fim, a mídia, os grandes conglomerados de mídia – incluindo a televisão – são donas de uma credibilidade construída e trabalhada estrategicamente, enquanto no Brasil a escola é pouco valorizada, e o professor é visto como um profissional de qualidade inferior (quem sabe faz, quem não sabe ensina), sendo constantemente apresentado pelo jornalismo como alguém que ganha mal, é explorado pelo sistema e tem pouco tempo para se atualizar (ou seja, em uma tradução cruel e brutal, escolheu mal a profissão e continua insistindo nela porque não tem inteligência suficiente para buscar uma saída). Desta forma, a metodologia proposta pretende aproximar estes olhares para então compreender as tensões e aproximações características do cenário que envolve o jovem com a televisão e a mídia.

Em termos conceituais, a pesquisa terá como ponto de partida ou visão paradigmática a percepção da educação como processo complexo que compreende tanto o ensino quanto a aprendizagem, e que envolve aspectos culturais, sociais e econômicos, de tal forma interligada que as variáveis não podem ser catalogadas. Neste sentido, mais do que apresentar conclusões definitivas, o estudo pretende apresentar um painel de dados e situações que permitam reconstruir as representações dos debates que professores e alunos fazem a partir do acesso ao conteúdo da televisão, e em particular do conteúdo que seja complementar ou entre em



conflito com o conteúdo didático. Para construir esse painel de dados será igualmente analisada a imagem que os alunos e professores tem de si mesmos e das questões que envolvem a escola e as mídias.

A) Metodologia quantitativa⁸

A pesquisa quantitativa será realizada, via questionário fechado, conforme os anexos 1 e 2 para verificação do perfil do aluno e dos professores, com dados objetivos, onde serão feitas perguntas do tipo: quantas horas vê televisão, que tipos de programas assistem (se telejornais ou não), quantas horas estudam por dia.

Os métodos quantitativos são essenciais aos estudos sociais, sendo principalmente através da ajuda de tais métodos que esses estudos podem ser expostos ao ranking das ciências, FISHER (1925). Para Fonseca⁹, enquanto quantificação é uma estratégia que enfatiza explicitamente cada passo da investigação (técnicas de medida, dados, métodos de avaliação), não existe um modelo aceito para investigação qualitativa boa, com critérios consensuais para avaliação dos seus verdadeiros conteúdos.

Este método, segundo RICHARDSON (1989), caracteriza-se pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento dessas através de técnicas estatísticas, desde as mais simples até as mais complexas.

Ele possui como diferencial a intenção de garantir a precisão dos trabalhos realizados, conduzindo a um resultando com poucas chances de distorções. De uma forma geral, tal como a pesquisa experimental, os estudos de campo quantitativos guiam-se por um modelo de pesquisa onde o pesquisador parte de quadros conceituais de referência tão bem estruturados quanto possível, a partir dos quais formula hipóteses sobre os fenômenos e situações que quer estudar. Uma lista de consequências é então deduzida das hipóteses.

Para realizar a coleta de dados, faz-se necessário enfatizar números (ou informações conversíveis em números) que permitam verificar a ocorrência ou não das consequências, e daí então a aceitação ou não das hipóteses. Os dados são analisados com apoio da Estatística ou outras técnicas matemáticas. Também, os tradicionais levantamentos de dados são o exemplo clássico do estudo de campo quantitativo (POPPER, 1972).

⁸ DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, Sem II. 2008 ISSN 1980-7031

⁹ FONSECA, Jaime Raúl Seixas. Os Métodos Quantitativos na Sociologia: Dificuldades de Uma Metodologia de Investigação. VI Congresso Português de Sociologia, de 25 a 28 de junho de 2008.

RICHARDSON (1989) expõe que este método é frequentemente aplicado nos estudos descritivos (aqueles que procuram descobrir e classificar a relação entre variáveis), os quais propõem investigar “o que é”, ou seja, a descobrir as características de um fenômeno como tal.

Geralmente a coleta de dados é realizada nestes estudos por questionários e entrevistas que apresentam variáveis distintas e relevantes para pesquisa, que em análise é geralmente apresentado por tabelas e gráficos. A pesquisa não pode possuir estudo quantitativo-descritivo quando for de caráter experimental (TRIPOLDI, 1981, P. 52 – 59).

Conforme MARCONI (1982), a expressão dos dados pode ser abordada, ao revelar que devem ser expressos com medidas numéricas. Defende ainda que técnicas quânticas de análise e tratamento dos dados apresentam melhor compreensão, mais objetivo, dinamizam o processo de relação entre variáveis. Pois em MARCONI a pesquisa quantitativa também é apresentada como “semântica quantitativa e análise de conteúdo”, trabalhando e mensurando dados de uma base textual.

B) Análise de conteúdo

A metodologia de pesquisa a ser utilizada na construção deste painel envolve uma análise dos conteúdos discursivos de alunos a ser analisados. Sobre a Análise de conteúdo é importante destacar que se trata de um conjunto de técnicas para investigar a comunicação, dentre outros ramos científicos. A análise de conteúdo se propõe a encontrar proporções identificáveis concretamente.

São investigações de pesquisa empírica cuja finalidade é delinear ou analisar fenômenos, avaliar programas ou isolar variáveis. Descrevem as situações utilizando critérios quantitativos que estabelecem proporções e correlações entre as variáveis observadas, procurando elementos que permitam a comprovação das hipóteses. (DENCKER & DA VIÁ, 2001, p. 57 e 58).

A coleta de dados se dividirá em duas fases: a primeira, dirigida aos professores de uma escola de ensino médio no estado de Goiás. A técnica utilizada será a entrevista semi-estruturada na qual o roteiro pré-estabelecido dará as principais orientações, mas deixará margem para que outros temas e abordagens espontâneas sejam discutidos. No total, serão entrevistados dez professores.

GOMES (2005) ressalta que as investigações de natureza qualitativa têm privilegiado a observação participante e a entrevista individual como opções metodológicas (p.288). No

caso desta pesquisa, as entrevistas semi-estruturadas individuais, oferecerão as condições para que os professores analisem com calma e profundidade o tema proposto, e também sem o constrangimento da presença de outras pessoas o que, a princípio, possibilitará que várias críticas surjam. Sempre que possível as entrevistas serão realizadas na própria escola, na intenção de deixar o professor à vontade para responder às perguntas. Posteriormente, as entrevistas serão transcritas para análise.

Na segunda fase, a análise de conteúdo será realizada através do material escrito pelos alunos, como por exemplo: redações, ou entrevistas em profundidade com um grupo restrito de alunos. Após a colheita dos dados, verificaremos se as respostas dos alunos condizem com a realidade. Uma vez que se o aluno diz no questionário que vê quinze horas de televisão por dia, e ainda estuda cinco horas diariamente, neste caso consta uma inverdade nas informações, haja vista que um dia é composto por vinte e quatro horas, e não por vinte e cinco. Por fim, será analisada a totalidade das respostas, e havendo a comprovação de que determinado aluno mentiu, este será eliminado da amostragem.

De acordo com Morales¹⁰, para entender a que se refere análise de conteúdo, Lozano (1994 apud DA FONSECA, 2006)¹¹ afirma:

A análise de conteúdo é sistemática porque se baseia num conjunto de procedimentos que se aplicam da mesma forma a todo conteúdo analisável. É também confiável – ou objetiva – porque permite que diferentes pessoas, aplicando em separado as mesmas categorias à mesma amostra de mensagens, podem chegar às mesmas conclusões.

A análise de conteúdo é um método quantitativo que, segundo afirma Sousa (2004), nasceu nos Estados Unidos, no início do século XX, direcionado à análise de jornais, contudo, pode ser utilizado em outros meios de comunicação.

Outra vantagem deste tipo de pesquisa é o fato de trabalhar com valores essencialmente quantificáveis definidos por categorias estabelecidas e comprovadas em estudos similares. Desta forma, a coleta de dados é baseada na mensuração de textos e as conclusões expressas em forma numérica, o que facilita o cruzamento de informações e a elaboração de tabelas e gráficos explicativos... (MELO apud SOUSA, 2004)

¹⁰ MORALES, Ofelia Elisa Torres. Fórum nacional de professores de jornalismo (FNPJ) XII encontro nacional de professores de jornalismo. VIII ciclo nacional de pesquisa em ensino de jornalismo, modalidade do trabalho: Comunicação Científica. Grupo de pesquisa: Pesquisa na Graduação. Pesquisa de jornalismo na graduação: reflexões preliminares sobre os Trabalhos de Conclusão de Curso em Jornalismo na região de Blumenau, Santa Catarina.

¹¹ DA FONSECA, Wilson Corrêa Junior. Análise de conteúdo. IN: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.



A tendência contemporânea no uso da análise de conteúdo se dá como a compreensão de uma técnica híbrida, ou seja, na hibridação do formalismo estatístico quantitativo e a compreensão qualitativa interpretativa (DA FONSECA, 2006).

O método de análise de conteúdo tem três fases de aproximação ao objeto de estudo. Conforme DA FONSECA (2006, p. 290) relata:

- (1) Pré-análise: consiste no planejamento do trabalho a ser elaborado, procurando sistematizar as ideias iniciais com o desenvolvimento de operações sucessivas, contempladas num plano de análise.
- (2) Exploração do material: refere-se à análise propriamente dita, envolvendo operações de codificação em função de regras previamente formuladas. ...
- (3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos.

Desta forma, o material será organizado, categorizado e classificado, segundo o método de análise de conteúdo (DA FONSECA, 2006). Haverá, então, necessidade de codificação e categorização iniciais do material. Para a presente pesquisa serão retomadas algumas categorias, a partir das leituras, contudo, pelo fato de ser uma aproximação preliminar, várias classificações ainda estão sendo testadas, implementadas e aprimoradas. Conforme HERSCOVITZ (2007, p. 127):

Os pesquisadores que utilizam a análise de conteúdo são como detetives em busca de pistas que desvendem os significados aparentes e/ou implícitos dos signos e das narrativas jornalísticas, expondo tendências, conflitos, interesses, ambiguidades ou ideologias presentes nos materiais examinados.

No caso deste trabalho, esse aspecto será extremamente importante, pois o objetivo é perceber a relação entre escola e TV, e para isso serão observadas as opiniões dos jovens sobre as discussões geradas pelo conteúdo televisivo.



Considerações Finais

Após a coleta de todos os dados, será analisado de que forma se dá a recepção da audiência da televisão na vida escolar dos alunos do ensino médio e observado se existem discussões em sala de aula com teor de criticidade e de cunho cidadão a respeito do conteúdo transmitido por meio da TV. Será verificado como a Educomunicação, contribui para a cidadania e o desenvolvimento das competências exigidas pelo mundo pós-moderno nos alunos de escolas de ensino médio de Goiás.

Por fim, teremos a conclusão da investigação de como a Educomunicação contribuiu para a melhoria das relações de comunicação no espaço escolar e da potencialização da capacidade expressiva dos adolescentes, alunos do ensino médio. Enfim, partindo da discussão do uso social das tecnologias de informações, em especial a televisão, teremos o resultado de como o conteúdo televisivo pode influenciar na vida dos adolescentes e de como projetos educacionais podem desenvolver ou aprimorar a capacidade expressiva e a competência comunicativa dos adolescentes no ensino médio.



Referências bibliográficas

- ANDRÉ, Marli Eliza D.A. **Ensinar a pesquisar... Como e para quê?** In: SILVA, Aida cidadania. São Paulo, Intercom, 2002.
- FREIRE, Paulo. Cartas à Guiné-Bissau. **Registros de uma experiência em processo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- JACQUINOT, Geneviève. **O que é o Educomunicador?** São Paulo: USP, 1998? Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/nce>. Acesso em 10 jan. 2006.
- JAWSNICKE, Claudia. Artigo: **Educomunicação: reflexões sobre teoria e prática.** 2007
- KAPLÚN, Mario. **Processos Educativos e Canais de Comunicação.** In: Revista Comunicação & Educação, São Paulo, Editora Moderna (14), jan/abr 1999.
- Maria M; et al (Orgs). Recife 1995.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. **Globalização comunicacional e transformação cultural.** In: MORAES, Dênis (org). Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder.. Rio de Janeiro. Editora Record, 2004.
- MEDEIROS, Magno, artigo: **Teoria das Violências, Mídia e Direitos Humanos.** Acesso em 28/01/2012: http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/dh/br/go/goias/teorias_da_violencia_midia_e_dh.html
- PERUZZO, Cicília Maria Krohling e FERREIRA, Fernando de Almeida. (Org.). **Comunicação para a Mídia e Diversidade Cultural: experiências e Reflexões** / Maria Luisa Martins de Mendonça (Org.). Brasília: Casa das Musas, 2009.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação/educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais.** In: Contato: revista brasileira de comunicação, arte e educação. Brasília, Ano 1, jan./mar. 1999
- THOMPSON, John. **Mídia e modernidade.** Petrópolis: Vozes, 2001